(2) 5

APPLAUSO METRICO,

QUE NA REELEIÇAÕ

DA MAGNIFICA SENHORA

D. MARGARIDA BAUTISTA,

NO CARGO, E DIGNIDADE

DE

ABBADESSA

DO REAL CONVENTO

de Santa Clara de Lisboa Oriental,

Dedica, vota, e conſagra

A. J. M. S.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças neceſſarias.

2

MAGNIFICA SENHORA.

ESTes applauſos, e eſtes cultos, que dedica a V. Senhoria a ſyncera vontade de hum animo obrigado, ainda que diminutos à eſtimaçaõ

çaõ de taõ alto aſſumpto, ſe podem fazer grandes no meſmo patrocinio, e na meſma benevolencia, a que ſaõ dedicados: ſe tiverem a honra, de que V. Senhoria os accite, e os qualifique, ſeraõ reverentes, diſcretos, e bem naſcidos; porque ſó do ſeu grande talento adoptados, poderáõ conſeguir no Mundo o nome de benemeritos. Guarde Deos a V. Senhoria muitos annos, como todos os ſeus criados haõ de miſter.

Beija a maõ de V. Senhoria

Seu fiel, e obrigadiſſimo ſervidor

A. J. M. S.

SYL-

SYLVA.

RARO o Fenix, de Apollo os reſplandores
Que do incendio fragrante nos ardores,
Que de neve na tumba cryſtallina
Com chamma bella, e gloria matutina
Renaſcem de ſi meſmos victorioſos
Ou nos Egypcios paramos ditoſos,
Ou nos celeſtes campos dilatados
Para ſerem, com paſmos duplicados,
Triunfo eterno em toda a immenſidade
Da noite triſte, da creſcida idade,
E com novos, e lucidos enſayos
Batendo as plumas, deſpedindo os rayos
Saõ dos annos no circulo ſuaves
Luminarias do Ceo, pompa das aves.
O Oceano, que em fluxo repetido
Do cryſtal eſpumante entumecido
Depois que ſe retira, em tempo breve
Renaſce em montes, que fabrîca a neve,
Por ficar entre as ondas, que deſata,
Olympo de cryſtal, Tyfeo de prata.
A Aurora, que a manhãa bella, e ſerena
Reſuſcita, a fragante copia amena
Se acaba entre a clara luz do dia,
Torna a naſcer no fim da noite fria.

A Eſtrella, que guiou clara, e brilhante
Na eſpuma vaga incauto o navegante,
Se de dia encobrio a luz fermoſa
No meſmo horror das ſombras luminoſa,
Sem nos rayos ſentir menor quebranto
Torna a bordar de luz o negro manto.
Aſſim vós, ò clariſſima Prelada,
Que no preſente ſeculo adorada,
Em rayos de virtude eſclarecida,
Em candidos coſtumes applaudida,
Tornaes hoje das Subditas aceita,
Nas voſſas prendas novamente eleita,
Renaſcida, triunfante, e victorioſa,
A ſer na Religiaõ, ſempre glorioſa,
Que em querervos, e amarvos ſe diſvella,
Fenix, Sol, Oceano, Aurora, Eſtrella.
Vós ſois eſſa Heroyna,
Cujo nome na eſféra cryſtallina,
Por donde a Fama com alentos voa,
Conſegue eterna, e immortal coroa.
Vós ſois eſſa Deidade,
Que no Olympo explendor da caſtidade,
E de Franciſco em todas as Clauſuras
Enſinaſte as Eſtrellas a ſer puras,
Que diſcreta, que illuſtre, e que ſuave
Sendo ſempre benigna, e ſempre grave,
Sem mais impulſo, que o do voſſo exemplo,
O que era Clauſtro converteis em Templo.
A belleza, que em todo o tempo altiva

Era

Era das almas nobres chamma viva,
Repartida entre aſſombros, e primores,
Quantas ſaõ do Convento as tenras flores,
Buſca rendida, applaude diligente
Das prendas ao prototypo excellente,
E a huma Prelada, que renaſce eleita,
Alvedrios, e affectos lhe ſogeita:
Só vós fizeſte com melhor ventura
De triunfante obediente a fermoſura.
Todo o brilhante fogo refulgente,
Que nos fermoſos olhos rayo ardente
Era eſtrago querido da vontade,
No incendio ſe trocou da Caridade,
Pois de hum governo ſanto nos auſpicios
Mudaõ de qualidade os ſacrificios,
E o que atégora foy profano incenſo,
Trocando o culto livre pelo immenſo,
Eſtragados os idolos profanos,
Prizaõ ſuave dos primeiros annos,
Introduzem, paſmando a natureza,
Todos os dotes da alma na belleza.
Cada Subdita agora
De taõ grande Prelada imitadora,
Tem dos meſmos applauſos na ventagem,
Mais nobre culto, porque he voſſa imagem.
Mas que ſerá, ſe em tudo generoſa
Filha, neta, e irmãa ſempre ditoſa
Sois deſſes Varões claros
Na eſpada heroicos, e nas letras raros,

Que

Que de Bragança aos Principes invictos
Nos acertos, nas glorias, nos conflictos
Conſeguem como Heroes em toda a parte
Aſſombro de Minerva, horror de Marte,
Que de Luſitania tenha o regio Solio,
Juſto o Areopago, digno o Capitolio;
E ſendo valeroſos, ou facundos
Lograriaõ, ſe houveſſe novos Mundos,
Que do Lyſio diadema eſmalte o ouro
A oliveira na paz, na guerra o louro.
Deichemos os que antigos, e admirados,
Em marmores, e em bronzes retratados,
Enchendo a terra, e ſuperando os mares,
Saõ idolos da Fama nos altares,
De quem as Cortes, e ainda os montes Safios,
Cantaõ como Elogio os Epitafios.
Diga a Muſa daquelles, que Irmãos voſſos
Digno aſſumpto ſeraõ de applauſos noſſos,
Eſſe Heroe primogenito, e primeiro,
Que valeroſo, placido, e guerreiro,
Ainda na paſtoril frauta ſylveſtre,
De campo, e de valor em tudo meſtre,
E da Corte nas vozes celebrado,
Deixa aos da Fama o numero augmentado;
Que de Anglia eſſes doze ſingulares,
E da Meſa redonda aos doze Pares,
Inda naõ tendo a gloria de vencidos,
Sejaõ de acções illuſtres excedidos,
Cuja triunfante, luminoſa eſpada,

Nos

Nos faſtos da memoria, conſagrada,
Na ſua folha deixou com ſangue eſcrito,
Que foy de Portugal o Imperio invicto;
Cujo nome ſerá paſmoſo em tudo
Baſtaõ de Marte, de Bellona eſcudo,
Outro ſegundo ſó no naſcimento,
Que he claro Sol da eſféra do talento,
Que em raro acerto, que em governo ſanto
Juſtifica o incorrupto Rhadamantho,
Collocando co' eſtrago da cobiça,
No Templo da Memoria o da Juſtiça,
E a eſpada deſta de tal mão vibrada,
Terrivel ainda menos do que amada,
Quando do golpe ſeu o arbitrio pende,
Nunca fere cruel, ſabia defende:
Diga o Reyno Luſo illuſtre, e antigo,
Que acha até ſuavidade no caſtigo,
Pois do ſeu coraçaõ moſtra a equidade
Que ainda nelle a juſtiça foy piedade.
Do braço liberal o impulſo nobre,
Sem offenſa do rico defende ao pobre,
Tendo naquelle peito eſclarecido,
Juſtiça o grande, amparo o deſvalido:
Naõ ſó Muſas ſeveras, mas amenas,
Paſmo a Corintho, perfeiçaõ a Athenas,
Nos ſeus deſpachos tem, formando cultos
Coro de Apollo as vozes dos Conſultos:
Até de letra a raſgos primoroſos
Deixa os eſcritos doutos mais paſmoſos,

Vendo

Vendo os Collegas que ſe explica entre elles,
A voz de Paulo no pincel de Apelles;
Rego, Rio, Danubio, ou Oceano,
De letras, e virtudes mais que humano,
Tendo nelle a real felicidade,
Columna ao Throno, eſtatua à eternidade:
Dentro o terceiro, honra de hum Real Collegio,
Hoje Cenſor do patrimonio Regio,
Meſtre elegante, e Orador facundo,
Paſmo feliz aos ambitos do Mundo,
Que na Juriſprudencia, proza, e verſo
A Univerſidade illuſtra no Univerſo.
As vozes raras dos conceitos finos,
Vencem os Gregos, triunfaõ dos Latinos,
Tanto que em admirar parece neſcia,
Cicero a Italia, Demoſthenes a Grecia,
Fazendo que a Oratoria
Seja ſempre dos pulpitos na gloria
Com celeſtes doutrinas adornada,
Naõ ſómente elegante, mas ſagrada.
Mais diſſera, Senhora: porém temo
Buſcar limite, deſcobrir extremo
No immenſo, no grande, no infinito,
E que o applauſo poſſa ſer delicto.
Vivey pois, e vivaõ felizmente
Eſſes Varões com nome preeminente,
Do tempo conſeguindo no theſouro
Os annos de Neſtor, e a idade de ouro.

C. J. S. S.

ROMAN-

ROMANCE.

PArabens, Prelada illuſtre,
Entre affectos vos dedico,
Se póde caber no applauſo
Quem naõ cabe nos prodigios.
Deſte Convento galhardo,
Sois o Sol, que repartindo
Os rayos, daes às eſtrellas,
Da luz ardente os auſpicios.
Sois a Aurora, que chovendo
Os favores matutinos,
Fazeis brilhantes as flores
Neſte Jardim de Franciſco.
Ceo agora eſte Convento
Conhece nelle o ſentido,
Que he de bellezas eſféra,
Sendo de luzes Empyrio.
Voluntaria a fermoſura
Vos obedece, advertindo
Tendes nas almas imperio,
Tendo nos Aſtros dominio.
Reeleita no governo
A tudo eſtaes preſidindo;
Naõ podiaõ ſer tres annos,
Porque he eterno o divino.

Mais

Mais do que eleita, adorada
Vos conſidero no arbitrio,
Que a eleiçaõ ſempre foy culto
Quando o voto he ſacrificio.
He das Subditas a dita,
Porque com goſto infinito,
O que em Vós he dignidade,
Faz nos outros beneficio.
Até a ſorte ſe contenta,
Porque ficou adquirindo
Na fortuna do ſucceſſo
Ser razaõ todo o deſtino.
Só ſe eſperaõ novas glorias
Deſſe talento exceſſivo,
Porque os cargos ſaõ triunfo,
Quando o governo he juizo.
Duray pois eternamente,
Fique o voſſo nome vivo,
Ou nas columnas de Efeſo,
Ou nos marmores de Egypto.
Sem a maçãa fique Venus
E ſem as flechas Cupido,
Pois ſendo a belleza ſanta,
O ſeu ouro he menos fino.
No concurſo das bellezas,
Moſtre eſſe genio entendido
Que houve virtudes em Pafos,
Que póde ſer caſto Egnido.

Venha o ſeculo dourado,
E hum governo peregrino,
Pare o Sol no tempo de hoje,
Se o parou no tempo antigo.
E eſtes métricos applauſos,
Quando cheguem ao voſſo ouvido,
Menos que vozes do applauſo
Saõ das glorias vaticinio.

C. J. S. S.

SONETO

SONETO.

COnſeguiſtes, Senhora, felizmente
Das vontades taõ firme ſegurança,
Que triunfo melhor foy a eſperança
Já no infallivel da eleiçaõ preſente.

Foy gloria da razaõ ſempre excellente
Na iſençaõ do perigo da mudança;
Que he ventura mayor a que ſe alcança
Da incerteza do tempo independente.

Na primeira eleiçaõ já os projectos
Conſeguiraõ ditoſos na certeza
Serem finos, conſtantes, e diſcretos;

Mas agora do empenho he mais fineza,
Que a primeira foy impulſo dos affectos,
Porém eſta he exceſſo da firmeza.

L. B. C. S.

SONETO.

NAõ he nova eleiçaõ eſta, que agora
A Corte illuſtra, aos orbes illumina,
Se do affecto, que as almas predomina,
Ainda antes de Prelada ereis ſenhora.

He prodigio, que em vós o mundo adora,
Pois do fim renaſceis Prelada digna,
Porque ainda na eſfera criſtallina
O Sol acaba, finaliza a Aurora.

Superfluo o voto em tantas unidades
Ainda rende ditoſo beneficio,
Moſtrando que as finezas ſaõ verdades:

Que he dos cultos fieis nobre exercicio
Ratificar o exceſſo das vontades,
Por ter mais que render hum ſacrificio.

L. B. C. S.

DE-

DECIMAS.

ENtre floridos primores,
Com ventagem glorioſa
Em qualquer jardim a roſa
He ſó quem preſide ás flores:
Mas roubandolhe os louvores,
Outra flor mais ſe acredita,
Pois com ventagem infinita
Neſſa agradavel eſfera,
Sobre as flores ſó impera,
Naõ a roſa, a Margarita.

2.

Competem ambas ditoſas
Com diſculpaveis ardores,
Huma Abbadeſſa das flores,
Outra Prelada das Roſas;
Porém com razoens forçoſas
A Margarita he mais digna;
Pois para aſſombro ſe inclina,
Sendo affavel, ſendo terna,
Naõ, quem as flores governa,
Sim, quem as Roſas domina.

Com

3.

Com razaõ reconduzida
He no florido Emisferio ;
Tenha mais annos de imperio ,
Pois tem mais annos de vida :
Toda a vontade rendida
Se pertende eternizar ;
E ſe ha ſempre de reinar
Nos coraçoens por eſtrella ,
Domine , ſe o meſmo he nella
O viver , que o dominar.

4.

Para os tres annos , que vem ,
No congreſſo lindo , e ſerio
Naõ ſe lhe dá novo imperio ,
Só ſe declara , o que tem :
Os votos de nenhum bem
Serviráõ neſta eleiçaõ ;
Foy ocioſa eſſa acçaõ ,
Quando os peitos no amor fervem ,
Pois os votos de que ſervem ,
Onde as vontades eſtaõ ?

Viva, impere eternamente
Nos coraçoens ſingulares,
Já que tem nos ſeus altares
O culto mais reverente:
Se prezos taõ docemente
Vivem por inclinaçaõ,
Dure a amoroſa prizaõ
Com fortuna da vontade,
Pois he pena a liberdade,
Onde he gloria a ſugeiçaõ.

M. C. B. L.

ROMANCE.

SAgrada excelſa deidade
Deſte venerado Templo,
Onde os cultos, onde os votos
Continuaõ deſempenhos.
Hoje a voſſos pés proſtrados
Queimaõ os mais caſtos peitos
Nos thuribulos das almas
Os incenſos dos affectos.
Dos jubilos animados
Se abrazaõ, Senhora, vendo
Que a perennes attributos
Reſpondem perennes ſceptros.
Perenne gloria, e naõ pára,
Se admira que a documentos
Naõ mendiga ſubſtituto
Voz, que naõ franquea exemplo.
Nunca vacilante pulſo
Sempre firme, ſempre inteiro,
Que naõ ceſſa no dominio
Sangue, que circula regio.
E ſe do miſtico corpo
Sois o ſangue, ſois o alento,
Se naõ circulára o ſangue
O corpo ficára enfermo.

Oh ſacro diſcreto acordo
Das acclamaçoens, pois vemos
Poupada a dor da ſaudade,
Negada a voz do deſejo.
Em vós ſe termina o voto,
Em vós o culto antevendo;
Que naõ deſmaya o ſagrado,
Que naõ acaba o perfeito.
E deſmentira de Veſta
Deidade, que em ſeus alentos
Naõ moſtrára inextinguivel
O fogo do magiſterio.
Nem por Sol ſe venerára
Do clauſtro o melhor luzeiro,
Que de ſeu claro dominio
Pára o nobre luzimento.
Ao mar o rio caminha
Do dominio; e foy acerto,
Que do pelago ſahindo,
Buſcaſſe o pelago meſmo.
Continuais no dominio,
Porque os votos, e os affectos
Bem coſtumados aos cultos
Continuem nos obſequios.
Eſtaõ bem comvoſco as glorias,
E quando fizeſſem termo,
Nem fora a clauſura Empyrio,
Nem fora o dominio imperio.

Man-

Mandar para ſuſpenderſe
O dominante progreſſo
Fora encubrir o divino
Na maſcara de terreno.
Diſcreto foy logo o voto,
Fazendo o dominio eterno,
Que quem ſe eterniza em prendas,
Immortaliza os empregos.

J. S. C.